



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARIANA CENTANIN BERTHO

A REDUÇÃO DE VOGAIS EM PORTUGUÊS:
ESTUDO DE UMA AMOSTRA DO PE EM COMPARAÇÃO
COM O PB



ARARAQUARA – S.P.
2015

MARIANA CENTANIN BERTHO

**A REDUÇÃO DE VOGAIS EM PORTUGUÊS:
ESTUDO DE UMA AMOSTRA DO PE EM COMPARAÇÃO
COM O PB**

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao Departamento de Linguística, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Linha de Pesquisa: Análise fonológica

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves

ARARAQUARA – S.P.

2015

Bertho, Mariana Centanin

A redução de vogais no português : estudo de uma amostra do PE
em comparação com o PB / Mariana Centanin Bertho – 2015

38 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Maria Helena de Moura Neves

1. Língua portuguesa -- Brasil. 2. Língua portuguesa -- Europa.
3. Vogais. I. Título.

MARIANA CENTANIN BERTHO

**A REDUÇÃO DE VOGAIS EM PORTUGUÊS:
ESTUDO DE UMA AMOSTRA DO PE EM COMPARAÇÃO
COM O PB**

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao Departamento de Linguística, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Linha de Pesquisa: Análise fonológica
Orientador: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: **Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

Membro Titular: **Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

Membro Titular: **Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Araraquara).

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicionais.

Às minhas irmãs, por serem minhas melhores amigas e sempre acreditarem em mim.

Às amigas e aos amigos com quem compartilho a vida e, em especial, ao Marco, por se dedicar à revisão gráfica deste trabalho.

À Maria Helena de Moura Neves, por guiar meus primeiros passos no trabalho científico com atenção e dedicação impecáveis.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a verificação do fenômeno de redução e/ou desaparecimento das vogais, principalmente as átonas, no PE, em comparação com o PB, obtida pela análise da gravação de uma amostra de leitura oral do poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, feita por informantes das duas variantes. A notória diferença da pronúncia dos informantes, com eventual possibilidade de chegar-se ao não entendimento da pronúncia europeia por parte dos falantes brasileiros, motivou a elaboração de um experimento que permitiu comparar o tempo de duração das vogais produzidas nas duas variantes. Por meio do isolamento e da medição das vogais, pelo programa de análise de áudio Praat, este estudo obteve confirmar a redução e, em casos extremos, o desaparecimento das vogais átonas no PE, fenômeno descrito em Mateus e D'Andrade (2000).

Palavras-chave: Português brasileiro. Português europeu. Vogal átona. Redução de vogal.

ABSTRACT

This study aims to verify the reduction phenomenon and/or disappearance of vowels, especially unstressed vowels in PE compared to the PB, obtained by analysis of the recording of an oral reading sample of the *Mar Português* poem, by Fernando Pessoa, made by informants of the two variants. The noticeable difference in pronunciation of the informants, with any possibility of reaching up to no understanding of European pronunciation by Brazilian speakers motivated the development of an experiment that allowed us to compare the duration of vowels produced in the two variants. By isolating and measuring the vowels at Praat audio analysis program, this study was to confirm the reduction and, in extreme cases, the disappearance of unstressed vowels in PE, a phenomenon described in Mateus and D'Andrade (2000).

Keywords: Brazilian Portuguese. European Portuguese. Unstressed vowel. Vowel reduction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1.1 Quadro de redução das dez vogais do latim clássico para as sete vogais do latim vulgar. Baseado em Câmara Jr. (1976, p.41).

Figura 2.1.2 Atual quadro de vogais do PB. Baseado em Câmara Jr. (1977, p.33).

Figura 2.1.3 Quadro de redução das dez vogais do latim clássico para as cinco vogais em posição átona no PA e PB. Baseado em Câmara Jr. (1976, p.41), que considera essas possibilidades para a posição pretônica.

Figura 2.1.4 Quadro de redução das dez vogais do latim clássico para as três vogais em posição átona final no PA e PB. Baseado em Câmara Jr. (1977, p.34).

Figura 2.1.5 Quadro das vogais pretônicas no PE. Baseado em Câmara Jr. (1976, p.44).

Figura 2.2.1.1 Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição tônica no PB e PE. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.17).

Figura 2.2.1.2 Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição pretônica e postônica não final. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.18).

Figura 2.2.1.3 Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição átona final em PB e PE. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.18).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 BASE TEÓRICA.....	10
2.1 A origem das vogais do português brasileiro e europeu.....	10
2.2 As possibilidades vocálicas em PB e PE.....	15
2.2.1 Similaridades e diferenças nos quadros de vogais do PB e do PE.....	15
2.2.2 A construção da sílaba em PB e PE.....	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
4 RESULTADOS.....	22
4.1 Desaparecimento da vogal [i] no PE.....	22
4.2 Desaparecimento de outras vogais átonas no PE.....	24
4.3 Vogais átonas produzidas com menor duração no PE em comparação com o PB.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a língua portuguesa é o idioma oficial de nove países, segundo a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), dentre eles, Brasil e Portugal. Com o tempo, o idioma que chegou da metrópole portuguesa às terras brasileiras no período da colonização passou por mudanças, em ambos os países, até configurar-se como é hoje. Essas duas variantes da língua portuguesa não evoluíram paralelamente, tanto pela distância geográfica, quanto pelo contato com povos falantes de outras línguas. Hoje em dia, é comum encontrar listas comparando o léxico do português brasileiro (doravante, PB) e do português europeu (doravante, PE), com diferenças que por vezes causam estranhamento e riso nos falantes nativos, reflexo da evolução que aconteceu separadamente.

É comum, apesar das diferenças lexicais, falantes nativos do português brasileiro não relatarem grandes dificuldades em ler produções de autores portugueses, já que na língua escrita formal não há discrepâncias que comprometam o entendimento de um texto escrito no PE. Um dos incômodos dos falantes brasileiros sobre a variante europeia talvez seja com relação ao “sotaque”. Não é raro encontrar falantes portugueses legendados na televisão brasileira, não pelas suas escolhas lexicais, mas pela fala “rápida”, expressão geralmente utilizada pelos brasileiros para descrever a fala dos portugueses.

A dificuldade dos brasileiros em entender os falantes europeus parece ser decorrente da diferença de ritmo das duas variantes, explicado, dentre outros aspectos, pelo encurtamento das vogais, que pode levar ao seu desaparecimento na fala coloquial, fenômeno que tem sido discutido em publicações como Barbosa e Albano (2004). Evidentemente, há outros aspectos na fonologia do PE que diferenciam as duas variantes, como a ocorrência de [l] em palavras como *mal*, onde no PB seria [w], ou a ocorrência de [v], como em *lei* [lɐj], que no PB pronuncia-se [lej]. No entanto, as diferenças de emissão vocálica e consonantal podem ser facilmente recuperadas pelo falante brasileiro, ao contrário do que acontece quando uma vogal tem duração menor ou desaparece.

Tendo em vista a redução das vogais átonas no PE, o objetivo deste trabalho é verificar esse fenômeno na leitura oral do poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, realizada por uma informante da região de Algarve, sul de Portugal, em comparação com a leitura oral do mesmo poema, realizada por uma informante da região interiorana do estado de São Paulo, Brasil. A hipótese é que o encurtamento das vogais, e o consequente

desaparecimento, principalmente das vogais átonas, ocorra na amostra do PE sulista, o que se objetiva demonstrar por meio da comparação com a amostra do PB.

O aparato teórico para essa verificação é encontrado nas análises de Câmara Jr. (1976, 1977), cujos trabalhos sobre a língua portuguesa permitem compreender o sistema de classificação das vogais pela tonicidade e posição na palavra, sustentada a análise na evolução histórica, desde o latim, do quadro vocálico do português.

No latim clássico, eram dez as vogais, constituídas de cinco fonemas que se manifestavam de forma longa ou breve, fazendo do traço quantitativo a distinção fonológica no sistema vocálico. Dessa forma, no latim havia pares de palavras que se diferenciavam apenas pela duração de um fonema, como *mālum* (**maçã**), com *a* breve, e *mālum* (**mau**), com *a* longo, ou *ďico* (**consagro**), com *i* breve e *ďico* (**digo**), com *i* longo (CÂMARA JR., 1976).

Na passagem do latim clássico para o latim vulgar, a distinção entre vogais longas e breves perde valor fonológico, ou seja, a duração não mais é um traço distintivo. O quadro vocálico do latim vulgar, por sua vez, era composto por sete vogais provenientes das dez do latim clássico, uma vez que, algumas delas confluíram em apenas um fonema, como é o caso do *a* longo e breve, que confluíram para o /a/. Por outro lado, há o aparecimento da distinção entre *e* aberto e fechado e *o* aberto e fechado, originando os fonemas /e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/. Dessa forma, o timbre, e não mais a duração, passa a ter valor fonológico.

As sete vogais do latim vulgar deram origem ao quadro de sete vogais tônicas do português arcaico, quadro que se mantém no português atual. Diferentemente do sistema do latim clássico, que, como já lembrado, classificava as vogais por quantidade, o sistema vocálico do português classifica-as pela tonicidade, dessa forma as vogais podem ser tônicas ou átonas, e pela posição na palavra em relação à sílaba tônica, e, assim, as vogais átonas podem ser pretônicas ou postônicas. Em posições átonas, esse quadro de sete vogais diminui para cinco, pois se perde a distinção entre as vogais médias abertas e as fechadas, restando os fonemas /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Em posição átona final, esse quadro é ainda mais reduzido, ocorrem apenas /a/, /i/ e /u/.

Esse sistema baseado na tonicidade e na posição faz do português uma língua acentual, ou seja, com o ritmo estabelecido pela isocronia na duração do intervalo entre uma sílaba tônica e outra, dentro de um enunciado (CAGLIARI, 1981). A tonicidade e a duração são

categorias importantes na análise da redução e do desaparecimento das vogais átonas, a qual constitui o objetivo deste trabalho.

Propõe-se que a compreensão desse fenômeno no PE, bem como das semelhanças e diferenças do quadro vocálico do PB e do PE, pode recorrer ao estudo de Mateus e D'Andrade (2000), que proporciona uma descrição da fonologia da variedade de Lisboa do PE que, em vários momentos, estabelece comparações com o PB. Essa referência fornece suporte para o entendimento dos efeitos da redução e do desaparecimento das vogais átonas no PE, assim como para a verificação desses efeitos na amostra da variante do sul aqui analisada.

Constitui o primeiro objetivo específico deste trabalho, verificar se o fenômeno de desaparecimento da vogal [i], típica da variante europeia em posição átona, também ocorre na amostra de fala da variante do sul português, já que o estudo de Mateus e D'Andrade (2000) descreve especialmente a variante de Lisboa.

O segundo objetivo específico é verificar, a partir da comparação do tempo de produção das vogais que ocorreram nas amostras do PB e do PE, se: (i) as vogais átonas da amostra de PE tiveram menor duração do que as vogais da amostra do PB; (ii) se redução levou, em algum caso, ao desaparecimento da vogal.

Por meio deste estudo comparativo que busca atestar o encurtamento e desaparecimento das vogais átonas no PE, acredita-se ser possível chegar a algumas conclusões acerca de diferenças fonológicas entre o PB e o PE que poderiam levar à dificuldade de compreensão dos falantes brasileiros da fala portuguesa.

2 BASE TEÓRICA

2.1 A origem das vogais do português brasileiro e europeu

Para a compreensão do atual quadro vocálico do português, bem como da origem da distinção das vogais por tonicidade e posição na palavra, é preciso analisar historicamente, desde o latim clássico, as mudanças que as vogais do português sofreram até configurarem o quadro atual. Câmara Jr. (1976, 1977) fornece subsídio teórico para a compreensão da evolução, bem como a influência da fonologia do latim na fonologia do português, nesse processo. Os estudos de Câmara Jr. (1976, 1977) têm em vista especialmente o PB, mas encontram-se comparações com o PE.

Como já registrado na Introdução deste trabalho, o sistema de vogais do latim clássico era composto por dez vogais, divididas em cinco longas e cinco breves. A duração das vogais era marcada na escrita por diacríticos posicionados acima das vogais – $\breve$ para as breves e $\bar{}$ para as longas. Dessa forma, os fonemas vocálicos eram representados por $\breve{a}$, $\bar{a}$, $\breve{e}$, $\bar{e}$, $\breve{i}$, $\bar{i}$, $\breve{o}$, $\bar{o}$, $\breve{u}$, $\bar{u}$. O importante a observar é que a duração (ou quantidade) das vogais no latim clássico tinha valor distintivo, fato claramente implicado no que vem afirmado neste trecho:

[...] distinguiam-se, por exemplo, as desinências $\bar{a}$, de ablativo, e $\breve{a}$, de nominativo, para um mesmo nome, e, entre palavras, havia oposições como – $\breve{m}a\breve{l}um$ “maçã”: $\breve{m}a\breve{l}um$ “mau”, $\breve{d}i\breve{c}o$ “consagro”: $\breve{d}i\breve{c}o$ “digo”, $\breve{c}e\breve{r}as$, “uma planta” (nom. sing.): $\breve{c}e\breve{r}as$ “cera” (ac. pl.), $\breve{m}o\breve{l}i\breve{s}$ “massa” (gen. sing.): $\breve{m}o\breve{l}i\breve{s}$ “moinho” (dat. abl. pl.), $\breve{s}u\breve{d}is$, uma espécie de pau: $\breve{s}u\breve{d}is$ “seco” (dat. abl. pl.). (CÂMARA JR., 1976, p.40)

Na passagem desse sistema para o português, perdeu-se o valor distintivo da duração vocálica, o que significa que as vogais do português têm duração, mas esta não mais configura valor fonológico.

Outra diferença do sistema vocálico do português (já presente no latim vulgar) com o do latim clássico é que, neste, o sistema de dez vogais, divididas entre longas e breves, era sempre o mesmo, independentemente da sílaba na qual recaía o acento. No português, entretanto, a tonicidade cria sistemas distintos para vogais em posição pretônica, ou tônica, ou postônica. Assim:

altas	/u/	/i/	
médias	/o/	/e/	2º grau
médias	/ɔ/	/ɛ/	1º grau
baixa	/a/		

Figura 2.1.2 – Atual quadro de vogais do PB. Baseado em Câmara Jr. (1977, p.33).

A principal mudança decorrente dessa redução no número de vogais diz respeito ao timbre, já que as vogais médias adquiriram distinção entre abertas e fechadas. Em uma análise mais apurada desse fenômeno, Silva Neto (1952 *apud* Fonte, 2010) propõe que esse quadro não seja resultado de troca da quantidade pelo timbre para a distinção fonológica das sete vogais, mas, sim, de manutenção do timbre (qualidade vocálica já presente no latim clássico) e de perda de quantidade. Segundo o autor, as vogais do latim clássico eram divididas não só entre breves e longas, mas também entre abertas e fechadas, concomitantemente.

Tratando desse avanço cronológico do latim vulgar para o português arcaico (doravante, PA), Mattos e Silva (1996) afirma que houve a manutenção da oposição aberta/fechada para o timbre das vogais médias e a perda do valor quantitativo. Desse modo, diz a autora, eram sete as vogais acentuadas para posição tônica no PA, representadas pelos fonemas /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/.

Mattos e Silva (1996) ainda indica que o sistema de sete vogais na posição tônica do PA mantém-se no PB. No entanto, Fonte (2010) sinaliza que, apesar de essa manutenção levar a considerar o sistema vocálico do PB conservador, é mais apropriado diferenciar a posição tônica das vogais como mais conservadora em relação à posição átona. Nunes (1989) esclarece que a posição tônica é justamente aquela menos suscetível aos acidentes fonéticos ao longo da palavra, já que esses acidentes tendem a incidir predominantemente nas vogais que ocupam a posição átona. Devido a essa suscetibilidade, as vogais que preenchem sílabas átonas podem, por exemplo, enfraquecer ou desaparecer, conforme o autor explica em:

Em consequência de sobre elas incidir o acento predominante ouônico, as vogais que por este fato tem tal nome conservam-se invariavelmente, como vimos, enquanto as restantes da palavra estão sujeitas a vários acidentes, que vão desde o seu enfraquecimento até à sua elisão; aquelas não só persistem sempre, mas, devido ao esforço com que são proferidas, chegam a atrair a que se lhes segue na sílaba imediata. As vogais átonas partilham da sorte das sílabas do mesmo nome; como estas, alteram-se e por vezes até desaparecem, mas, quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir. Desta circunstância resulta [...] que tanto o é como o ó se confundem com ê e ô, não se fazendo distinção, entre essas vogais, senão quando a palavra é proferida com ênfase: daqui nasce serem as

vogais átonas apenas cinco: a, e, i, o, u, número que se reduz ainda a três: a, e, o, quando finais. (NUNES, 1989, p.55)

Conclui-se, portanto, que o quadro de vogais do PA, quando em posição átona, é reduzido no PB, já que, das sete possibilidades em posição tônica, permanecem cinco: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Assim, não há manifestação das vogais médias abertas nessa posição, sintetiza Câmara Jr. (1976). É o que vem ilustrado na Figura 2.1.3.

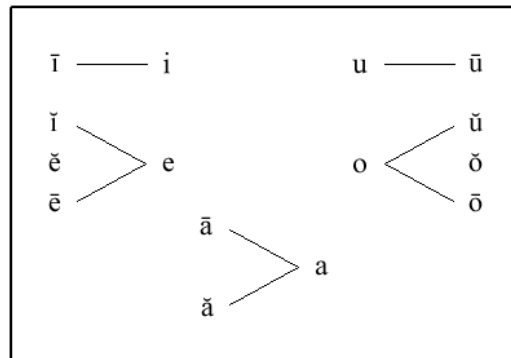


Figura 2.1.3 – Quadro de redução das dez vogais do latim clássico para as cinco vogais em posição átona no PA e PB. Baseado em Câmara Jr. (1976, p.41), que considera essas possibilidades para a posição pretônica.

Pela análise do quadro, observa-se, em comparação ao quadro das vogais tônicas, que não há oposição entre médias abertas e fechadas em posição átona não final. As vogais médias breves do latim clássico confluíram com as vogais médias longas e com as altas breves nas vogais médias fechadas /e/ e /o/.

Com relação às vogais em posição átona final, Câmara Jr. (1977), afirma que, após um estágio de alternância entre /i/ e /e/, as possibilidades restringiram-se a três: /a/, /i/, /u/. As reduções são esquematizadas conforme a Figura 2.1.4:

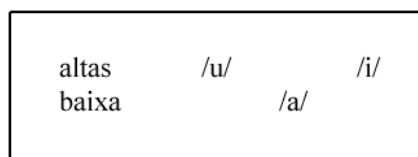


Figura 2.1.4 – Quadro de redução das dez vogais do latim clássico para as três vogais em posição átona final no PA e PB. Baseado em Câmara Jr. (1977, p.34).

Câmara Jr. (1976) afirma que esses três quadros vocálicos apresentados até aqui constituem o sistema vocálico do português, que provavelmente foi trazido para o Brasil na primeira fase da colonização. Posteriormente, as variantes evoluíram separadamente, criando características que as diferenciam em alguns aspectos, como quanto à nasalização das vogais.

De acordo com Câmara Jr. (1976), a nasalização nas vogais do PB manifesta-se na mudança do timbre de /a/ para [ɐ] e na neutralização da distinção entre /ɛ/ e /e/, e /ɔ/ e /o/,

levando ao desaparecimento das médias abertas quando seguidas de consoante nasal. No PE, conserva-se a distinção aberta/fechada nas vogais médias, além da criação da distinção entre /a/ e /ɐ/, como se observa no par *falamos/falámos*, em que a pronúncia com *a* fechado corresponde à forma verbal no tempo presente e, a forma com *a* aberto, à forma verbal no pretérito. Assim, no PE, o quadro vocálico aumenta quando se segue uma consoante nasal, em comparação com o PB.

O quadro vocálico do PE também se diferencia do do PB no que tange às átonas em posição pretônica. Câmara Jr. (1976) descreve a ocorrência, no PE, de uma vogal central média [e_o] – chamada *e* neutro – que se manifesta como variante de /e/ em posição átona. Além disso, no PE, não há oposição entre /o/ e /u/ quando pretônicos, distinção presente no sistema brasileiro. O quadro vocálico europeu para as vogais pretônicas é representado na Figura 2.1.5.

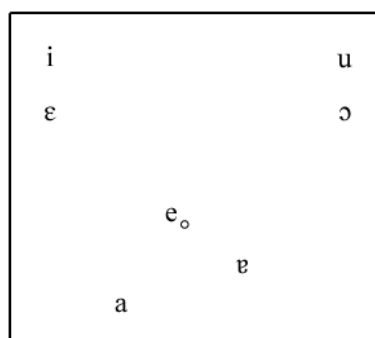


Figura 2.1.5 – Quadro das vogais pretônicas no PE. Baseado em Câmara Jr. (1976, p.44).

O autor descreve, ainda, as possibilidades de vogais pretônicas em vocábulos proparoxítonos: são elas /i/ e /e/, sendo esta última realizada como [e_o] no PE. Em posição átona final, o PE também conta com as possibilidades /a/, /i/ e /u/ do PB, mas com a diferença de que o /e/ átono final, que no PB é geralmente realizado como /i/, no PE manifesta-se como [e_o]. Câmara Jr. (1976) aponta que em todas as posições átonas há uma violenta redução da vogal na variante europeia, característica do PE, em comparação com o PB, que embasa a proposta deste trabalho.

As diferenças entre o quadro vocálico do PB e o do PE atuais serão descritas mais detalhadamente na seção 2.2 deste trabalho.

2.2 As possibilidades vocálicas em PB e PE

2.2.1 Similaridades e diferenças nos quadros de vogais do PB e do PE

Esse sucinto relato histórico do desenvolvimento do sistema vocálico do latim clássico ao português permite que se compreendam aspectos da fonologia do português que serão mais detalhadamente descritos nesta seção, permitindo que se teçam similaridades e diferenças nas realizações vocálicas em PB e PE. É o objetivo principal deste trabalho verificar o encurtamento e/ou desaparecimento das vogais átonas no PE, comparadas com o PB. Para tanto, é necessário que se estabeleçam quais vogais ocorrem nas duas variantes e quais se espera que sofram redução ou desaparecimento em posição átona no PE.

A breve comparação dos quadros de vogais tônicas e átonas do PB e do PE realizada nesta seção recorre ao estudo de Mateus e D'Andrade (2000), que descreve a fonologia da variedade de Lisboa do PE.

Analisando as diferenças e similaridades em distribuição vocálica do PB e do PE, Mateus e D'Andrade (2000), com o objetivo de descrever o sistema fonológico do PE, encontram uma estreita relação entre qualidade vocálica e acentuação da palavra, enquanto, no PB, a qualidade da vogal é significativamente mais independente da acentuação da palavra. Portanto, há que fazer a distinção das possibilidades de vogais em diferentes posições, de acordo com a tonicidade e acentuação.

Em posição tônica, as possibilidades vocálicas no PB e no PE são semelhantes. As vogais [i], [e], [ɛ], [a], [ɔ] e [u] ocorrem nas duas variantes, conforme se observa em (a), na Figura 2.2.1. As diferenças, nessa posição, restringem-se à ocorrência de [ɐ] no PE em contextos em que ocorre [e] no PB, como demonstrado pelos exemplos em (b), na mesma figura.

Vogais tônicas		
(a) Similaridades entre PB e PE		
	[i]	<i>silo</i> ['silu]
	[e]	<i>selo</i> ['selu]
	[ɛ]	<i>selo</i> ['sɛlu]
	[a]	<i>bala</i> ['balɐ]
	[ɔ]	<i>bola</i> ['bɔlɐ]
	[o]	<i>bolo</i> ['bolu]
	[u]	<i>bula</i> ['bulɐ]
(b) Diferenças entre PB e PE		
PB		PE
[e]	<i>telha</i> ['tɛʎɐ]	[ɐ] <i>telha</i> ['tɛʎɐ]
[e]	<i>lei</i> [lɛj]	[ɐ] <i>lei</i> [lɛj]

Figura 2.2.1.1 – Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição tônica no PB e PE. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.17).

Mateus e D'Andrade (2000) explicam que essa diferença se deve ao fato de, no PE, [ɐ] ocorrer: diante de uma consoante palatal, como em *telha* ['tɛʎɐ]; diante de uma semivogal, como em *lei* [lɛj]; e diante de uma consoante nasal, como em *cama* ['kɐma].

Na posição ocupada por vogais átonas é que estão as maiores discrepâncias entre o PB e o PE. As possibilidades vocálicas em posição pretônica e postônica não final, para ambas as variantes, de acordo com Mateus e D'Andrade (2000), estão dispostas, com exemplos, na Figura 2.2.2. Em posição pretônica, verifica-se que a ocorrência de [o] em PB corresponde a [u] em PE, como em *morar* [mo'rar] e [mu'rar], respectivamente. Também distingue as duas variantes a ocorrência de [a] no PB, como em *pagar* [pa'gar], em oposição à ocorrência de [ɐ] no PE, como em [pɐ'gar], assim como ocorrência de [e] no PB, como em *pegar* [pe'gar], em oposição à ocorrência de [i] no PE, como em [pi'gar]. Já na posição postônica, observa-se que o que no PB se realiza como [a], no PE se realiza como [ɐ], como em *ágape* ['agapi] e ['agɛpi], respectivamente. Além disso, nessa posição, o que, no PB se realiza como [e], no PE se realiza como [i], como em *cérebro* ['sɛɾɛbru] e ['sɛɾibru], respectivamente.

Vogais átonas não finais	
Posição pretônica	
PB	PE
[i] <i>mirar</i> [mi'rar]	[i] <i>mirar</i> [mi'rar]
[o] <i>morar</i> [mo'rar]	[u] <i>morar</i> [mu'rar]
[u] <i>murar</i> [mu'rar]	[u] <i>murar</i> [mu'rar]
[a] <i>pagar</i> [pa'gar]	[ɐ] <i>pagar</i> [pɐ'gar]
[e] <i>pegar</i> [pe'gar]	[i] <i>pegar</i> [pi'gar]
Posição postônica	
PB	PE
[i] <i>dúvida</i> [ˈduvidɐ]	[i] <i>dúvida</i> [ˈduvidɐ]
[u] <i>pérola</i> [ˈpɛrulɐ]	[u] <i>pérola</i> [ˈpɛrulɐ]
[u] <i>báculo</i> [ˈbakulu]	[u] <i>báculo</i> [ˈbakulu]
[a] <i>ágape</i> [ˈagapi]	[ɐ] <i>ágape</i> [ˈagɐpi]
[e] <i>cérebro</i> [ˈsɛrebru]	[i] <i>cérebro</i> [ˈsɛribru]

Figura 2.2.1.2 – Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição pretônica e postônica não final. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.18).

Analisando-se as possibilidades de vogais átonas não finais, segundo o que verificam Mateus e D'Andrade (2000), conclui-se que, nessas posições, o PB mantém os três graus de altura de vogais que ocorrem na posição tônica: duas vogais altas ([i] e [u]), duas vogais médias ([e] e [o]) e uma vogal baixa ([a]). Diferentemente, o PE não mantém os três graus de altura da posição tônica, apenas dois: três vogais altas ([i], [ɪ] e [u]) e uma vogal média ([ɐ]).

Com relação à posição átona final, as possibilidades são semelhantes no sistema vocálico das duas variantes. Encontram-se, nessa posição, as vogais [i], [u] e [ɐ] no PB e no PE. No entanto, há contextos em que ocorre a vogal [ɪ] no PE, que corresponde à vogal [i] no PB, conforme demonstrado nas ocorrências da Figura 2.2.3:

Vogais átonas em posição final	
PB	PE
[i] júri [ˈʒuri]	[i] júri [ˈʒuri]
[i] jure [ˈʒuri]	[ɪ] jure [ˈʒuri]
[u] juro [ˈʒuru]	[u] juro [ˈʒuru]
[ɐ] jura [ˈʒurɐ]	[ɐ] jura [ˈʒurɐ]

Figura 2.2.1.3 – Quadro comparativo das possibilidades vocálicas em posição átona final em PB e PE. Baseado em Mateus e D'Andrade (2000, p.18).

Ressalta-se que Mateus e D'Andrade (2000) apontam o fato de a vogal [i] ser comumente omitida em fala coloquial no PE, em posição átona final ou não final, e, em menor frequência, a vogal [u] em posição átona final também é omitida. A verificação desse

fenômeno na amostra do PE sulista aqui utilizada compõe os objetivos específicos deste trabalho.

2.2.2 A construção da sílaba em PB e PE

Apesar de a definição dos limites de uma sílaba ser discutível na literatura, é de comum acordo que a estrutura de uma sílaba é composta a partir do ponto ápice, a vogal (V), por ser o som vocálico o mais sonoro, de acordo com o Princípio da Sonoridade, segundo o qual, em uma sílaba, a sonoridade aumenta do início até o núcleo e diminui do núcleo até ao fim. Este princípio é baseado em uma escala de sonoridade, que coloca as qualidades sonoras em ordem com relação à abertura do trato vocal e à liberação de energia na produção do som, gerando a seguinte sequência: consoantes oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < semivogais < vogais (SELKIRK, 1984 *apud* MATEUS E D'ANDRADE, 2000). Os elementos que possivelmente antecedem ou sucedem a vogal, o centro da sílaba, são as consoantes (C), criando um efeito sonoro crescente ou decrescente.

Se a vogal é o núcleo da sílaba, o fenômeno de desaparecimento das vogais em posição átona no PE provavelmente afeta a estrutura silábica do português, induzindo a encontros consonantais não previstos. O estudo de Mateus e D'Andrade (2000) contempla a descrição dos efeitos do esvaziamento do núcleo da sílaba átona, bem com uma hipótese para a aceitação de encontros consonantais não previstos pela fonologia do PE.

A respeito das possibilidades consonantais em onset no português, afirma-se, em Mateus e D'Andrade (2000), que todas as consoantes simples ([p], [b], [t], [d], [k], [g], [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [l], [ʎ], [m], [n], [ɲ], [ɾ], [R]) são possíveis na estrutura silábica do português. Já os encontros consonantais possíveis em onset obedecem à Condição de Dissemelhança, a qual estabelece a distância mínima na escala de sonoridade entre os elementos adjacentes dentro de uma sílaba, característica específica de cada língua. Na fonologia do português, não são aceitos encontros consonantais compostos pelo mesmo tipo de consoante ou por consoantes adjacentes na escala de sonoridade (por exemplo: oclusiva+oclusiva ou oclusiva+fricativa). Assim, em português, os encontros consonantais em onset que não violam essas condições são: oclusiva+tepe, oclusiva+lateral, fricativa+tepe e fricativa+lateral, em posição inicial ou medial da palavra.

Segundo os autores, há que se considerar que o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança são utilizados para a descrição da estrutura silábica básica de uma língua. Há, no entanto, não apenas no português, como também em outras línguas, a violação desses parâmetros em várias ocorrências, como é o caso de [ps] em *psicologia* e de [pn] em *pneu*, que, considerando-se a pronúncia na variante europeia, representam encontros do tipo oclusiva+fricativa e oclusiva+nasal – elementos adjacentes na escala de sonoridade.

A descrição dos autores apresenta, ainda, a ocorrência de encontros consonantais que violam os parâmetros da estrutura silábica básica, mas que ocorrem na fala coloquial do PE, pela omissão das vogais átonas. É o caso de *espaço* [ʃpásu], *pequeno* [pkénu], *soterrar* [sutRár]. Casos mais extremos podem ser exemplificados por *telefone* [tlfɔ'n], *desperdiçar* [dʃprdisár], *desprevenir* [dʃprvnír]. Nesses casos, há encontros de três, cinco e até seis consoantes, violando totalmente a estrutura silábica prevista pela fonologia do português.

A explicação dada por Mateus e D'Andrade (2000) para a ocorrência desses encontros consonantais esdrúxulos na fala do PE é baseada no conceito de núcleo vazio (*empty nucleus*). Os autores consideram que tais encontros não constituem onsets de uma mesma sílaba, mas onsets de sílabas diferentes com núcleos vazios. Os argumentos que corroboram tal explicação são empíricos e dizem respeito ao entendimento do falante nativo da noção de sílaba:

- (i) Os falantes têm dúvida em atribuir as consoantes em encontros consonantais à coda de uma sílaba ou ao onset da seguinte: ao soletrar *admirar*, hesitam entre *ad-mirar* e *a-dmirar*.
- (ii) Produções em fase de aquisição da linguagem mostram uma vogal inserida entre consoantes, como em *pneu* [pi'new]. Também é comum a eliminação de consoantes em encontros como o [pr] de *prato*, gerando a pronúncia [‘patu], mas nunca a omissão do elemento não permitido em encontros que violam a Condição de Dissemelhança, como em *pneu* e *psicologia*.
- (iii) Não há assimilação do traço de vozeamento em encontros como [bt] em *obter* [ob'ter], [dk] em *adquirir* [əd'kriɾ], [bs] em *absurdo* [əb'surdu], [tz] em *quartzo* [‘kwartzu], provando a existência de um núcleo vazio entre essas consoantes que impede a assimilação do vozeamento de uma consoante para a outra.

- (iv) E, por fim, a frequente inserção de uma vogal (geralmente [i]), na maioria dos dialetos do PB, nesses tipos de encontros consonantais, confirmam a existência do núcleo vazio, como em *pneu* [piˈnew], *absurdo* [abiˈsurdu], *captar* [kapiˈtaɾ], *espaço* [iʃˈpasu], *esbirro* [iʒˈbiRu].

Em suma, os autores concluem que os encontros consonantais em onset que violam o Princípio da Sonoridade e a Condição de Dissemelhança acontecem na fala do PE devido ao processo fonológico de eliminação das vogais átonas, principalmente da vogal [i], característica da variante europeia. Mateus e D'Andrade (2010) consideram também que, foneticamente, qualquer consoante seria possível em posição final da palavra no PE, devido à possível eliminação das vogais átonas finais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar a diferença no tempo de duração dos vogais do PB e do PE, especialmente das átonas, selecionou-se, para este estudo, uma amostra de cada variante. Para a composição das amostras, foi gravada a leitura oral do poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, por duas informantes: uma estudante, de 23 anos, natural do interior do estado de São Paulo, Brasil, e uma estudante, de 22 anos, natural da região de Algarve, no sul de Portugal. A única orientação dada às informantes foi que o poema fosse lido naturalmente.

As amostras foram analisadas no programa de exame acústico Praat, em que foi possível isolar e medir as vogais das duas gravações. Foi criada, concomitantemente, uma tabela para comparação dos valores, em segundos, do tempo de duração da pronúncia de cada vogal nas duas variantes. Uma vogal foi considerada reduzida no PE, em comparação com a duração dela no PB, quando foi produzida com mais de 0.04s de diferença. Nem todas as vogais foram possíveis de isolamento para medição. Os casos de vogais átonas que foram extremamente reduzidas, por consequência do seu desaparecimento, não puderam ser medidas.

Após a comparação dos valores, as ocorrências foram separadas em três grupos, de acordo com a natureza do acidente fonológico que a vogal átona (ou as vogais átonas) do vocábulo sofreu. Em alguns casos, os vocábulos foram colocados em mais de um grupo, pois aconteceram fenômenos diferentes na mesma palavra. Os grupos criados foram: (i) do desaparecimento da vogal [i] no PE; (ii) do desaparecimento de outras vogais átonas no PE; (iii) da redução da duração de vogais átonas no PE, que não chegaram a desaparecer.

Pela dificuldade para encontrar os limites dos fonemas em alguns vocábulos (em partículas como *te*, *de*, *que*, por exemplo), selecionaram-se, para serem analisadas, as ocorrências que melhor representam o fenômeno estudado. Em cada grupo, as ocorrências foram analisadas separadamente. Compararam-se os valores das medições e foi apontado quando houve desaparecimento de alguma vogal em qualquer posição da palavra, em qualquer das variantes.

Optou-se por apresentar não só os valores, mas também a imagem do gráfico de cada vocábulo analisado, já que as vogais, por estarem no topo da escala de sonoridade, podem ser identificadas na parte mais escura do desenho formado pela onda do som.

4 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em grupos de acordo com o tipo de ocorrência: desaparecimento da vogal [i] no PE, desaparecimento de outras vogais átonas no PE, vogais átonas produzidas com menor duração no PE em comparação com o PB.

4.1 Desaparecimento da vogal [i] no PE

Considerou-se desaparecimento da vogal [i] quando não foi possível isolá-la em análise do áudio ou do gráfico no programa Praat.

PEQUENA – CV.CV.CV

Em *pequena*, a vogal tônica teve menor duração no PE (0.085s) do que no PB (0.124s). A vogal pretônica foi medida em 0.025s e, a postônica, em 0.09s, no PB. Ambas desapareceram no PE.

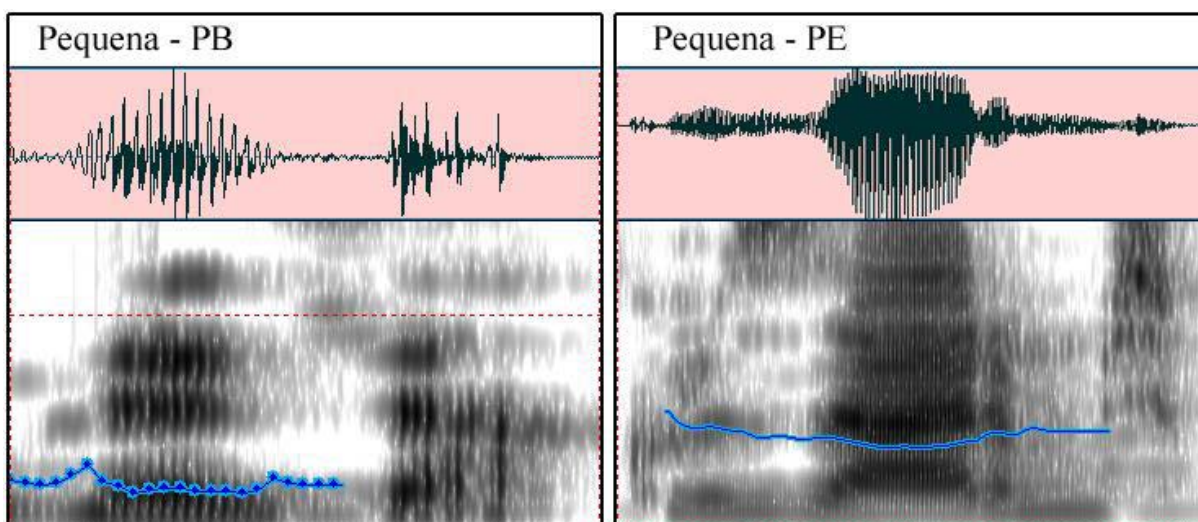


Figura 4.1.1 – Gráfico da onda do PB e PE para *pequena*

PERIGO – CV.CV.CV

No vocábulo *perigo* a vogal átona pretônica foi omitida no PE e, no PB, teve duração de 0.072s. A vogal tônica durou 0.083s no PE e 0.11s no PB. A última sílaba juntou-se fonologicamente com os vocábulos seguintes *e o* (do verso “Deus ao mar o perigo e o abismo deu”), totalizando 0.224s no PE e 0.219s no PB.

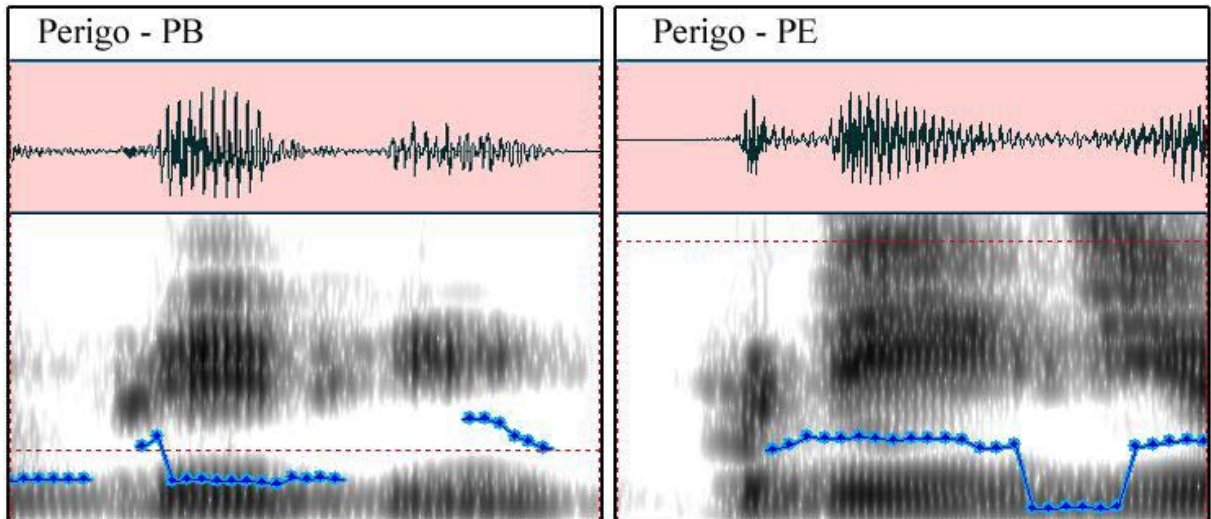


Figura 4.1.2 – Gráfico da onda do PB e PE para *perigo*

ESPELHOU – VC.CV.CV

A palavra *espelhou* teve a vogal átona inicial omitida nas duas variantes. Há uma diferença entre as duas variantes no som consonantal que inicia o vocábulo – no PB, realiza-se [s] e, no PE, realiza-se [ʃ]. A vogal átona pretônica [i] também foi omitida no PE e, no PB, a correspondente [i] foi realizada com duração de 0.09s. O ditongo que compõe a sílaba tônica foi produzido com uma pequena diferença de duração nas duas variantes (PB: 0.19, PE: 0.082).

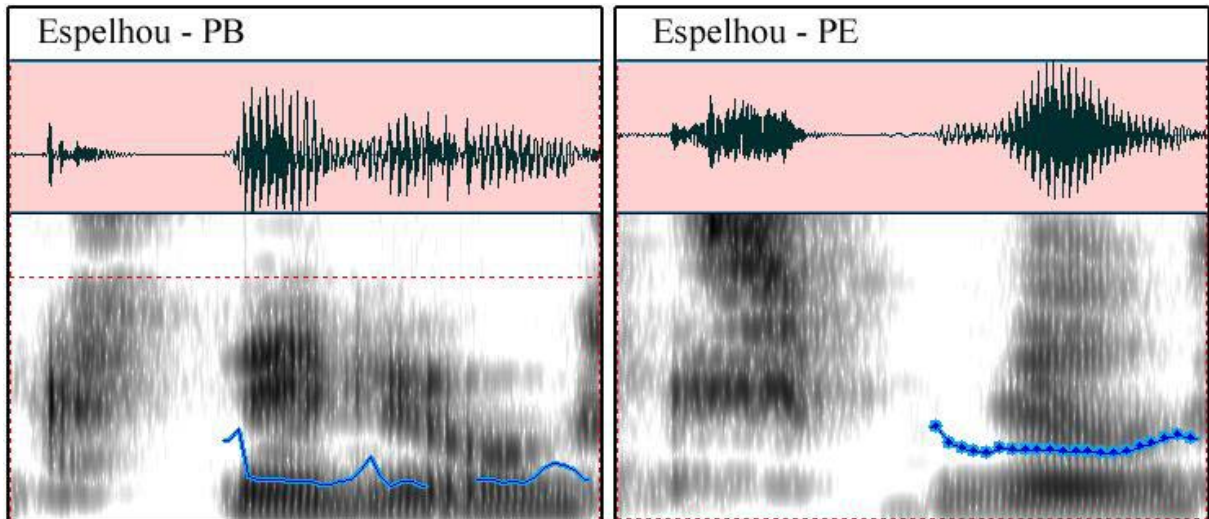


Figura 4.1.3 – Gráfico da onda do PB e PE para *espelhou*

4.2 Desaparecimento de outras vogais átonas no PE

Nos seguintes casos, foi observado o desaparecimento da vogal átona pretônica ou postônica. A vogal átona foi considerada omitida quando não foi possível isolá-la e medi-la, tanto no áudio, quanto no gráfico.

PORTUGAL – CVC.CV.CVV (PB), CVC.CV.CVC (PE)

Esse vocábulo teve as duas vogais átonas omitidas no PE, enquanto, no PB, tiveram duração de 0.073s e 0.053s, respectivamente. A vogal tônica foi ligeiramente encurtada em PE, com 0.138s, em comparação com o PB, em que foi produzida com 0.188s de duração.

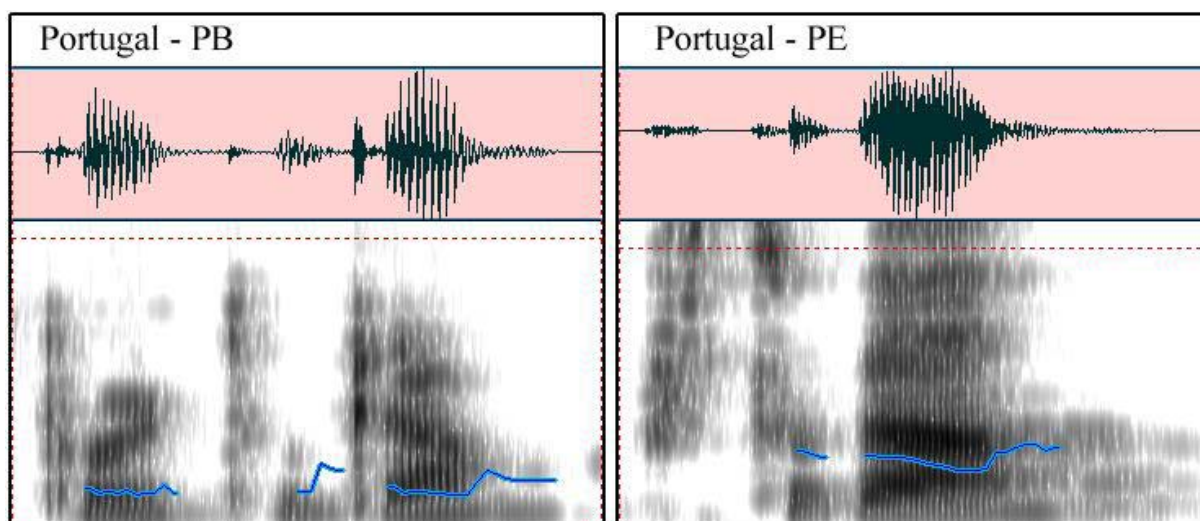


Figura 4.2.1 – Gráfico da onda do PB e PE para *Portugal*

FOSESSES – CV.CVC

Na palavra *fosses*, a vogal tônica foi realizada praticamente com a mesma duração nas duas variantes (PB: 0.074ms, PE: 0.067ms). Já a vogal átona, no PE, desapareceu, enquanto, no PB, foi possível medir a vogal átona postônica em 0.015s de duração.

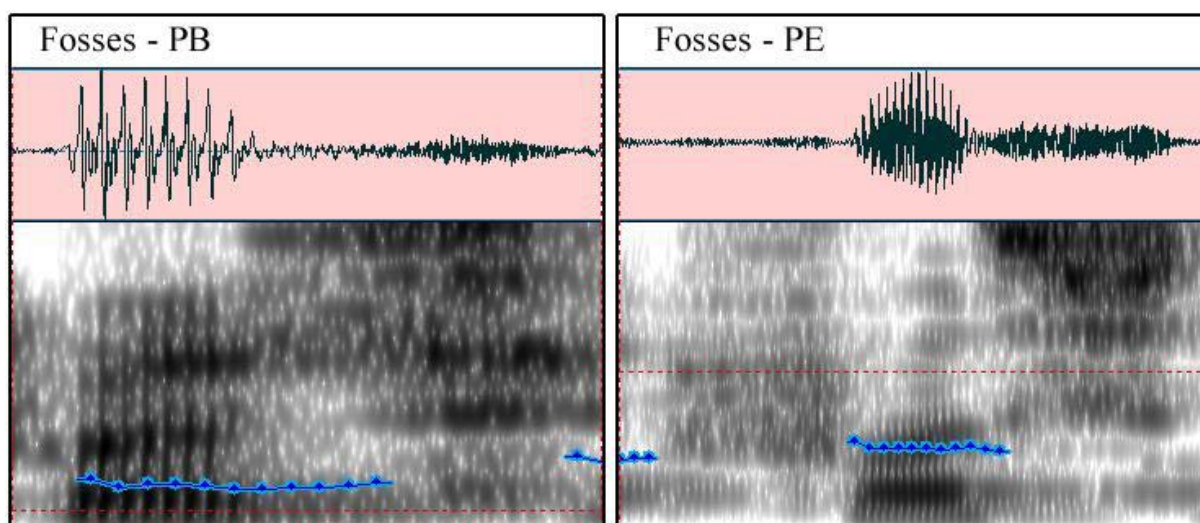


Figura 4.2.2 – Gráfico da onda do PB e PE para *fosses*

FICARAM – CV.CV.CVC

Na palavra *ficaram*, observou-se a supressão da vogal átona pretônica no PE, enquanto, no, PB, foi produzida com 0.044s de duração. A sílaba tônica foi produzida com

duração similar nas duas variantes (PB: 0.08s, PE: 0.11s). A vogal átona postônica, no PB, é produzida com mais que o dobro de tempo que no PE (PB: 0.045s, PE: 0.096s).

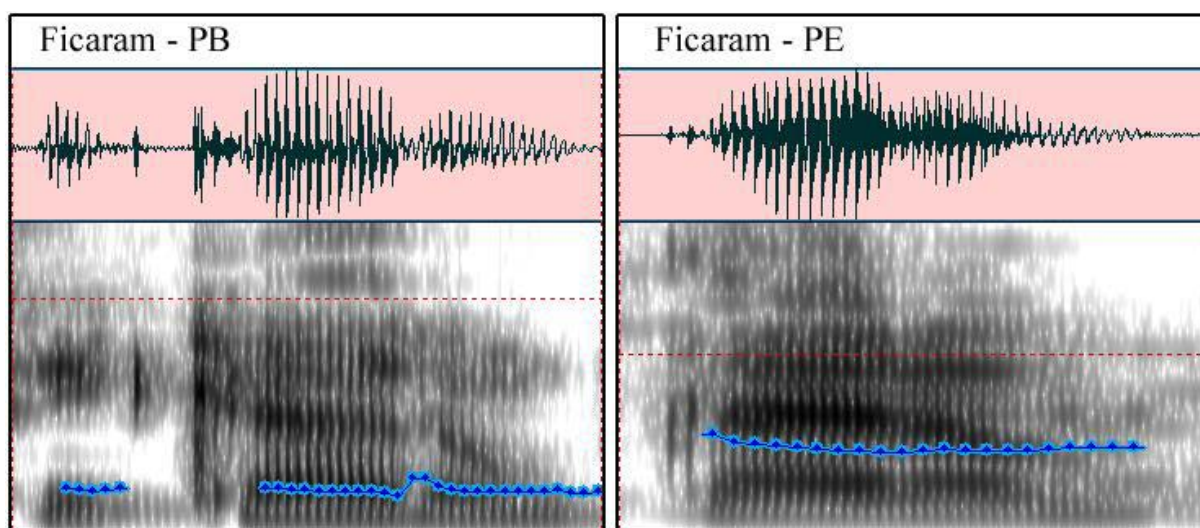


Figura 4.2.3 – Gráfico da onda do PB e PE para *ficaram*

CHORARAM – CV.CV.CVC

O vocábulo *choraram* teve a vogal átona pretônica omitida em PE e, em PB, realizada com duração de 0.088s. A vogal tônica foi produzida em 0.182s no PB e 0.171s no PE. A vogal átona postônica teve praticamente a mesma duração nas duas variantes (PB: 0.096s, PE: 0.096s).

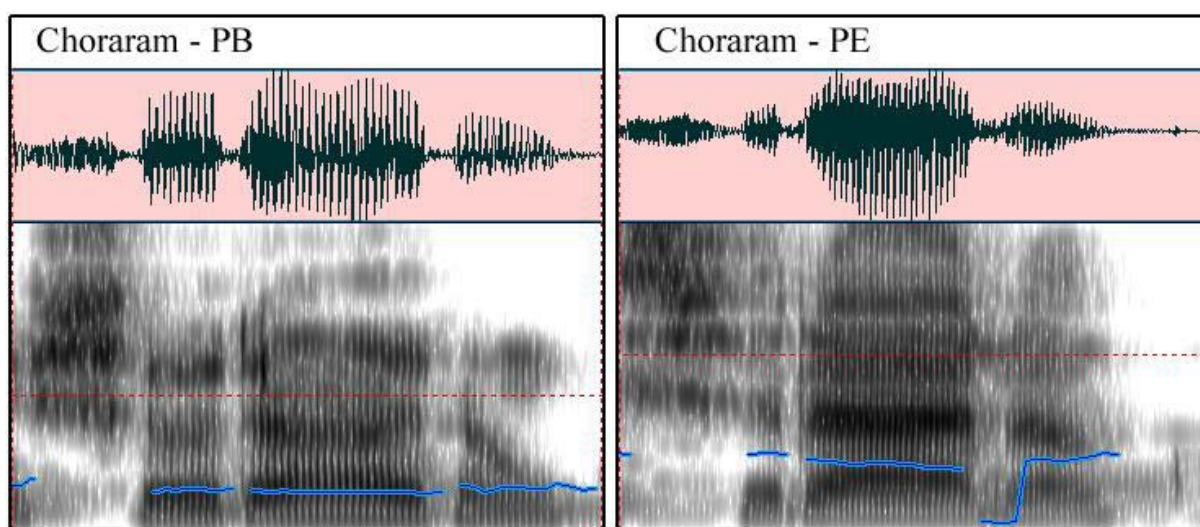


Figura 4.2.4 – Gráfico da onda do PB e PE para *choraram*

FILHOS – CV.CVC

Em *filhos*, houve perda da vogal átona no PE e, no PB, foi realizada com 0.072s. Há uma diferença entre as variantes na consoante que segue – [s], em PB, e [ʃ], em PE – gerando, nesta última, o encontro [ʎʃ]. A vogal tônica foi produzida praticamente com a mesma duração (PB: 0.06s, PE: 0.068s).

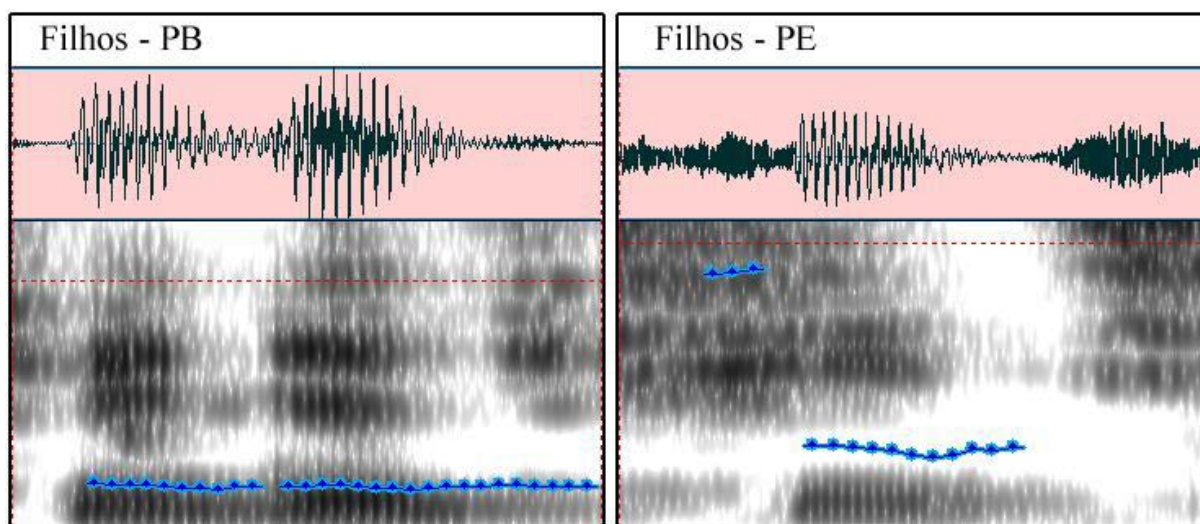


Figura 4.2.5 – Gráfico da onda do PB e PE para *filhos*

NOIVAS – CVV.CVC

O ditongo de *noivas* foi produzido com 0.127s no PB e 0.091s no PE. A vogal átona foi omitida no PE e durou 0.059s no PB.

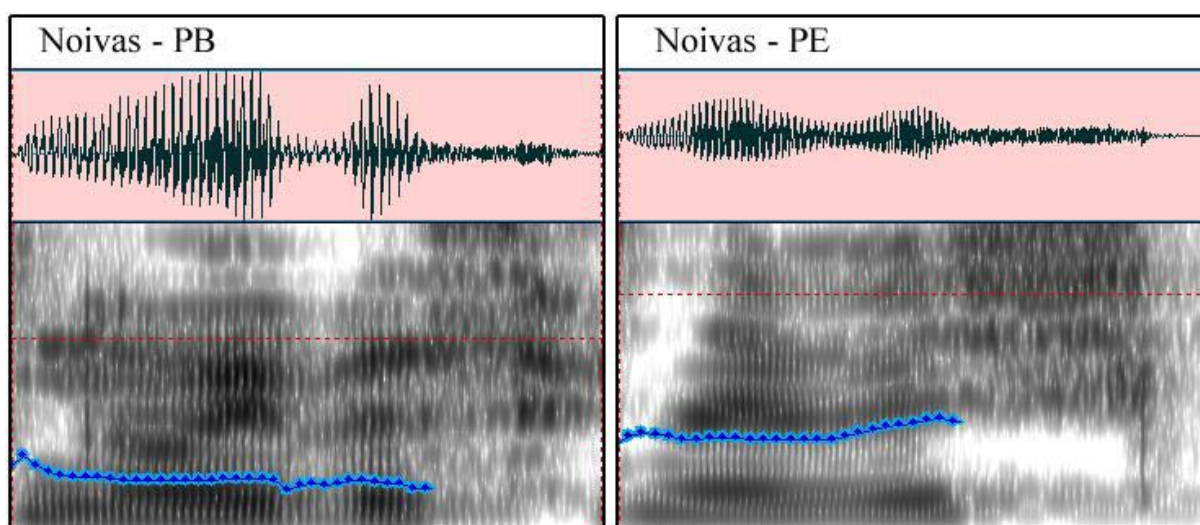


Figura 4.2.6 – Gráfico da onda do PB e PE para *noivas*

NOSSO – CV.CV

O vocábulo *nosso* perdeu a vogal átona no PE, sendo realizada em 0.066s no PB. A vogal tônica durou 0.15s no PB e 0.10s no PE.

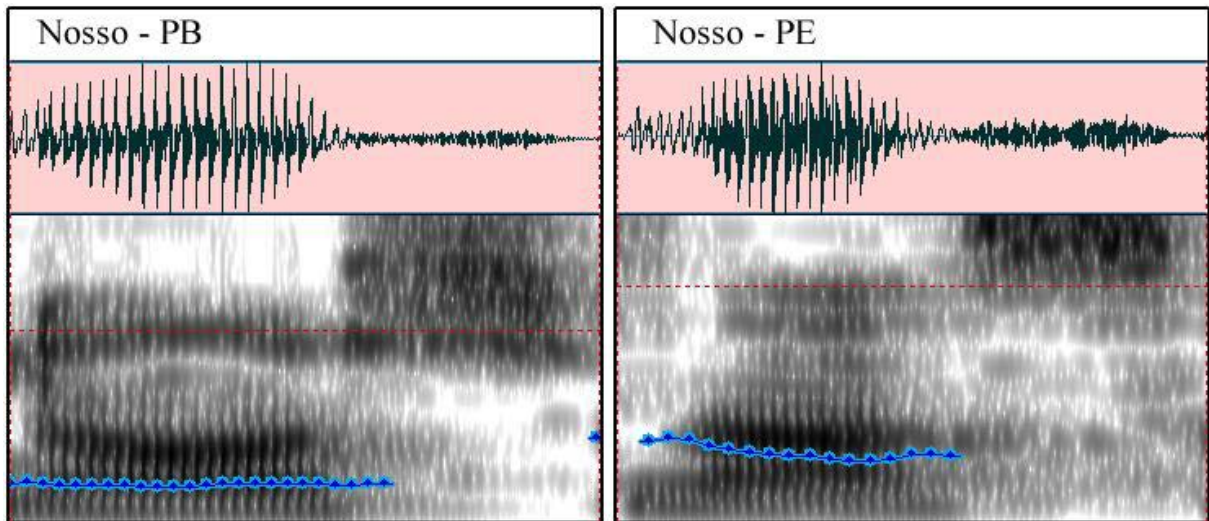


Figura 4.2.7 – Gráfico da onda do PB e PE para *nosso*

TUDO – CV.CV

A vogal átona de *tudo* desapareceu no PE e durou 0.072s no PB. A vogal tônica teve duração parecida nas duas variantes (PB: 0.055s, PE: 0.061s).

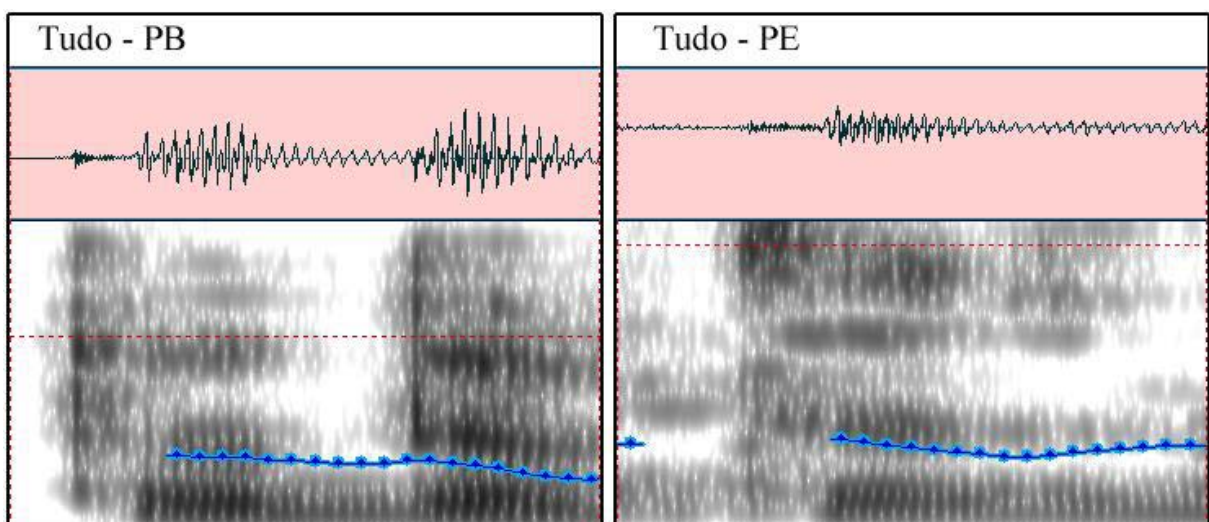


Figura 4.2.8 – Gráfico da onda do PB e PE para *tudo*

VALE – CV.CV

Em *vale*, a vogal átona é claramente omitida no PE. No PB, a junção com o vocábulo *a* que segue (do verso “tudo vale a pena”) tem duração de 0.13s. A vogal tônica durou 0.091 no PB e 0.122 no PE.

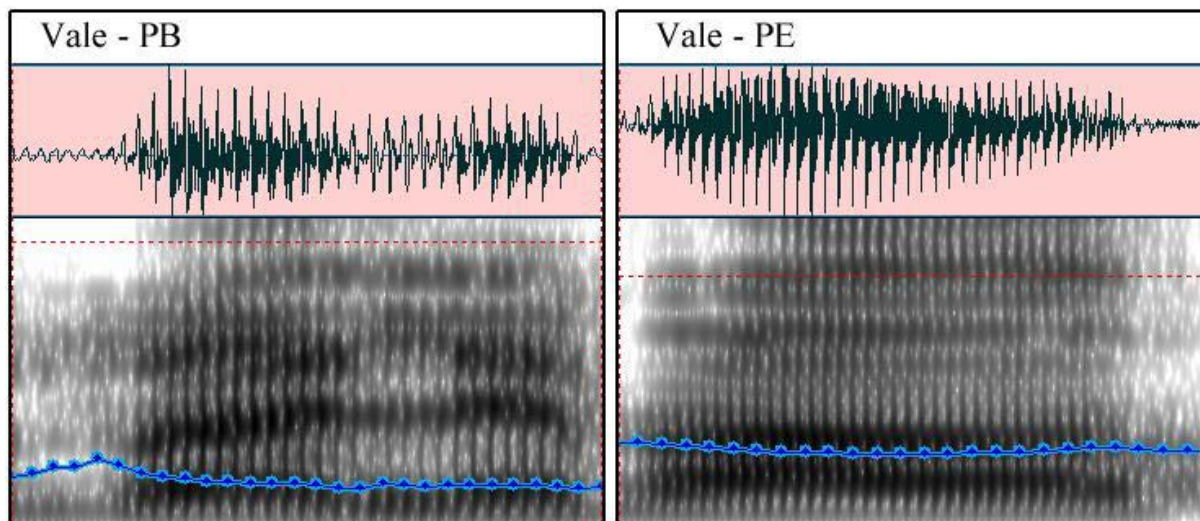


Figura 4.2.9 – Gráfico da onda do PB e PE para *vale*

QUANTO, QUANTAS (2x), QUANTOS – CV.CV(C)

Esses vocábulos totalizam quatro ocorrências ao longo do texto. Em todas houve desaparecimento da vogal átona no PE. No PB, tiveram duração de 0.028s (*quanto*), 0.07s (*quantas*), 0.033s (*quantos*), 0.059s (*quantas*). A figura apresenta o gráfico do vocábulo *quantas*, do verso “quantas mães choraram”, pois neste observou-se maior diferença de duração com relação ao PB.

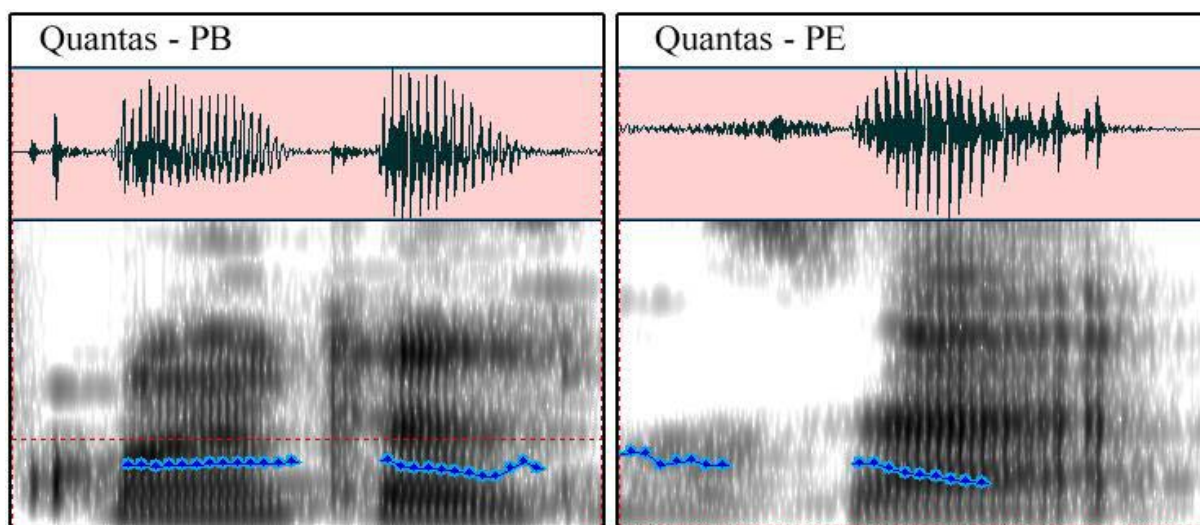


Figura 4.2.10 – Gráfico da onda do PB e PE para *quantas*

SALGADO – CVV.CV.CV (PB), CVC.CV.CV (PE)

No vocábulo *salgado*, a vogal átona postônica foi anulada no PE e teve duração de 0.068s no PB. A vogal átona pretônica durou 0.134s no PB e 0.092s no PE. Na realização da vogal tônica, houve notória diferença de duração entre as duas variantes e, ao contrário do que foi observado em geral, a vogal no PE teve duração maior (0.184s) que no PB (0.119s).

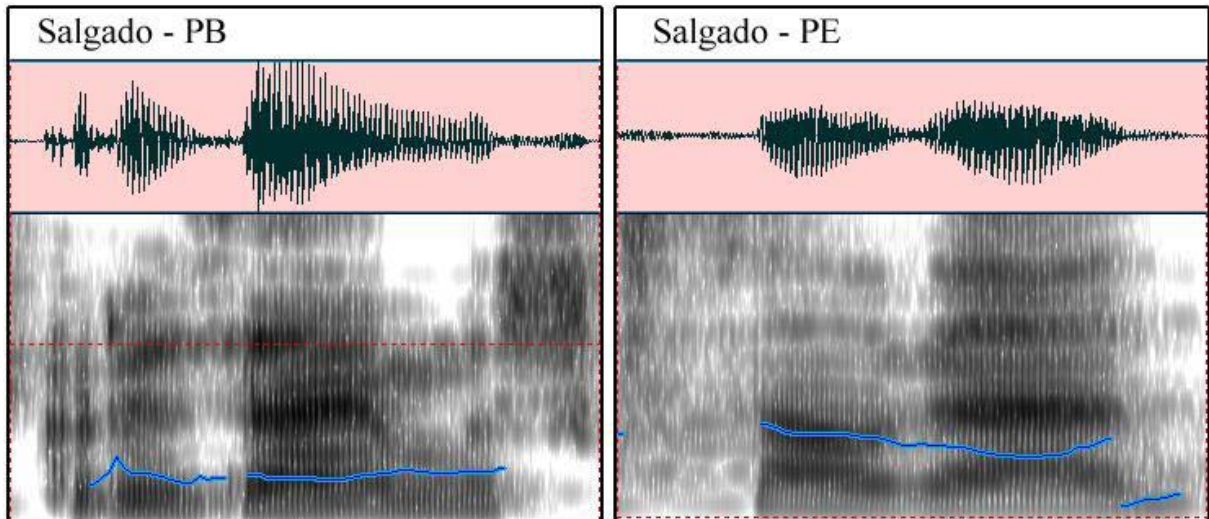


Figura 4.2.11 – Gráfico da onda do PB e PE para *salgado*

CRUZARMOS – CCV.CVC.CVC

O vocábulo *cruzarmos* teve as duas vogais átonas omitidas no PE e, no PB, duração de 0.101s e 0.042s, para pretônica e postônica, respectivamente. Na comparação da vogal tônica, foi observada a mesma situação que em *salgado* – maior duração na realização do PE (PB: 0.14s, PE: 0.18s).

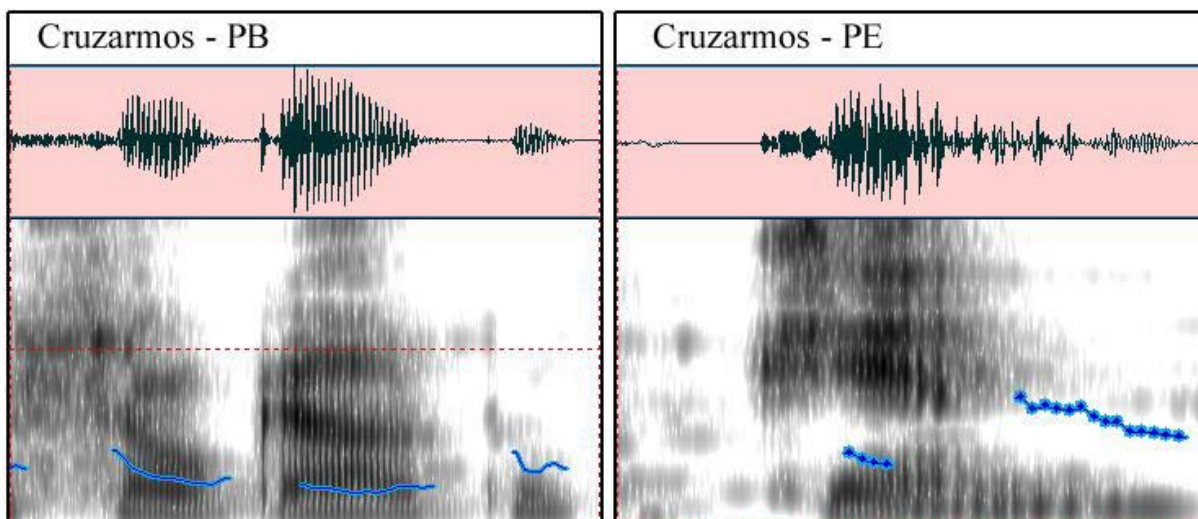


Figura 4.2.12 – Gráfico da onda do PB e PE para *cruzarmos*

REZARAM – CV.CV.CVC

O mesmo fenômeno foi observado no vocábulo *rezaram*, em que a vogal tônica teve duração de 0.142s no PE e 0.061s no PB. Neste, ainda, houve a omissão da vogal pretônica no PE, que foi realizada em 0.08s no PB. A vogal postônica foi omitida nas duas variantes.

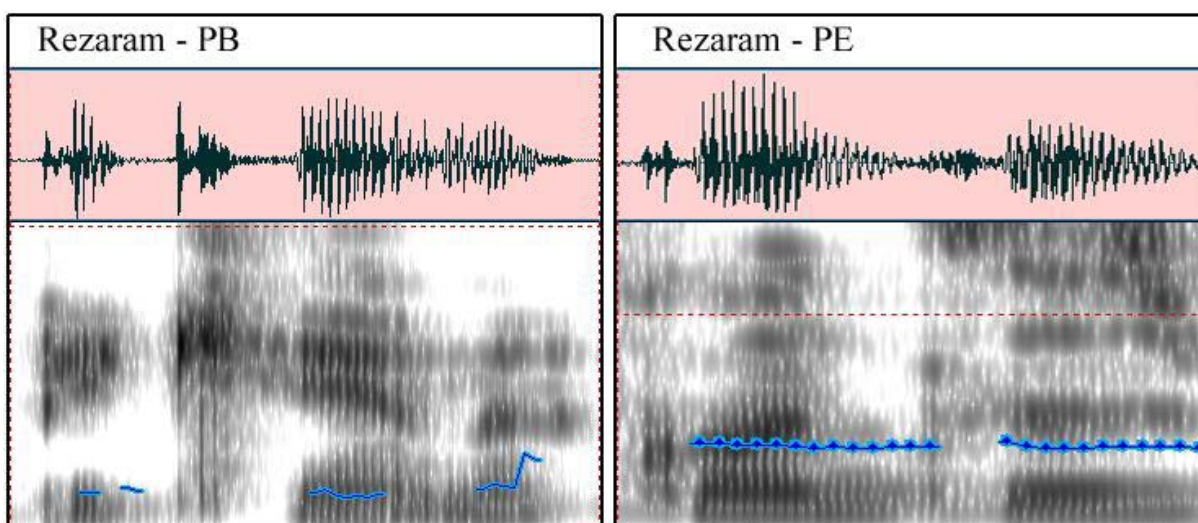


Figura 4.2.13 – Gráfico da onda do PB e PE para *rezaram*

4.3 Vogais átonas produzidas com menor duração no PE em comparação com o PB

Em geral, as vogais átonas, quando não omitidas, foram produzidas com duração menor no PE do que no PB. No entanto, não foram observados muitos casos em que a diferença foi significativa. Considerou-se uma diferença significativa valores maiores que 0.04s. Apresentam-se três ocorrências em que esse valor foi atingido.

BOJADOR – CV.CV.CVC

A vogal átona inicial do vocábulo *bojador* teve duração de 0.11s no PB e 0.047s no PE. A vogal pretônica teve praticamente o mesmo tempo nas duas variantes (PB: 0.07s, PE: 0.074s) e a vogal tônica foi mais longa no PB (PB: 0.137s, 0.097s).

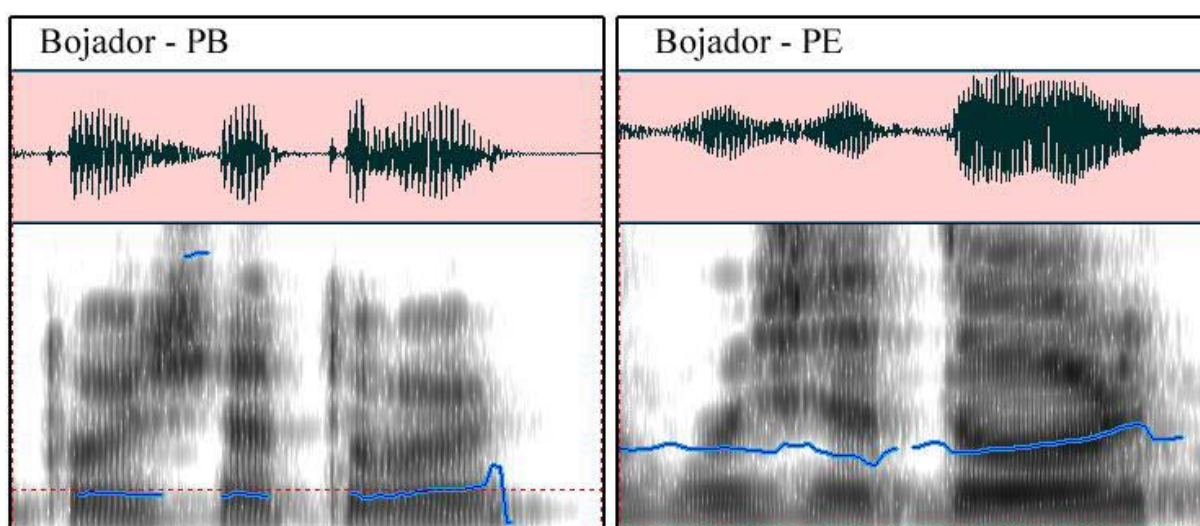


Figura 4.3.2 – Gráfico da onda do PB e PE para *bojador*

FICARAM – CV.CV.CVC

Na palavra *ficaram*, além do desaparecimento da vogal pretônica, foi observado que a vogal postônica teve duração reduzida no PE, em comparação com a duração no PB – 0.045s e 0.096s, respectivamente.

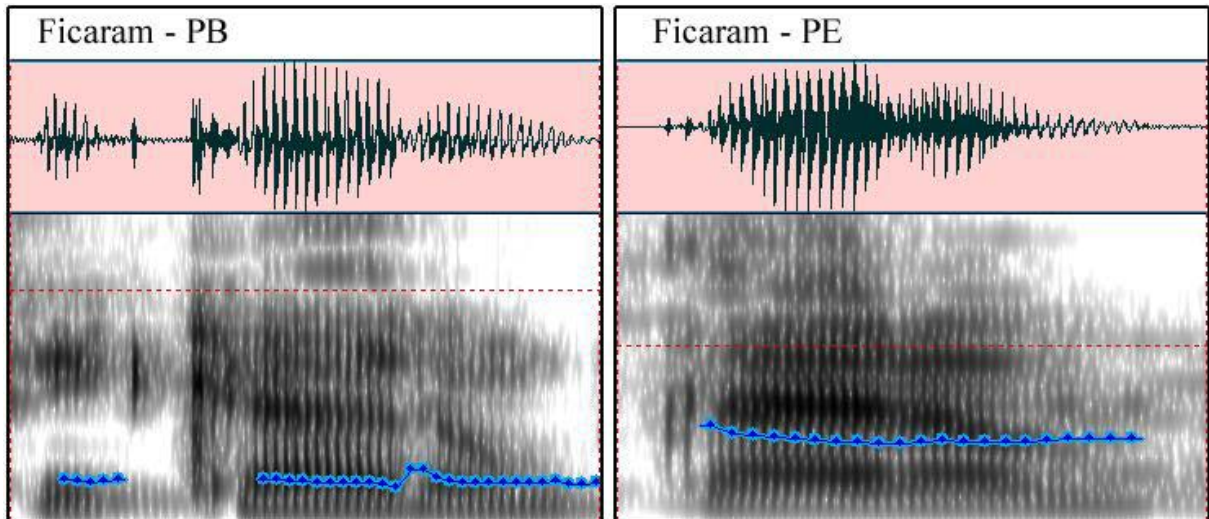


Figura 4.3.1 – Gráfico da onda do PB e PE para *ficaram*

SALGADO – CVV.CV.CV (PB), CVC.CV.CV (PE)

No vocábulo *salgado*, além da vogal átona final ter desaparecido no PE, foi observado que a vogal pretônica teve duração significativamente menor no PE, em comparação com o PB (0.092s e 0.134s, respectivamente).

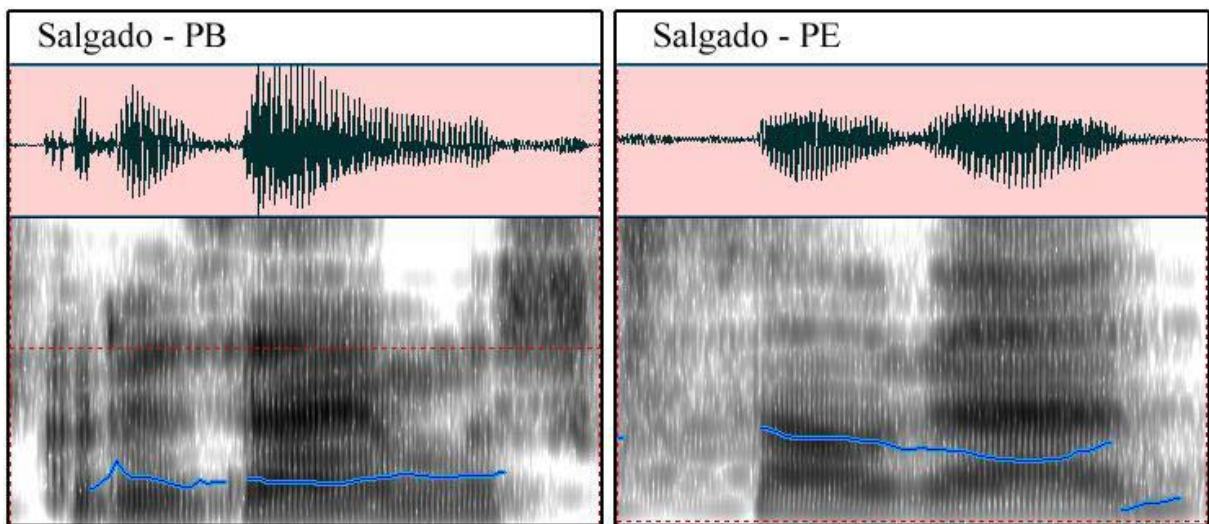


Figura 4.2.11 – Gráfico da onda do PB e PE para *salgado*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito da natureza das vogais quanto à duração, a análise dos resultados leva à conclusão de que, em geral, as vogais do PE têm duração menor do que as do PB, independentemente da tonicidade. Sobre as vogais átonas, cujo exame constitui parte substancial deste trabalho, as medições mostraram que são as que mais sofreram redução no tempo de duração, chegando a desaparecer na maioria das ocorrências.

Por essa razão não foi possível apurar se a diferença de duração, em segundos, das vogais átonas nas amostras do PB e do PE (leitura oral do poema *Mar Português*) seria significativa (superior a 0.04s). Apenas três vocábulos atingiram essa diferença: *bojador*, *ficaram* e *salgado*. No primeiro, a vogal pretônica [o] teve duração de 0.11s no PB e 0.047s no PE, revelando uma diferença notável no tempo de duração. No segundo, a vogal postônica [ɐ] foi produzida na pronúncia do PE com a metade do tempo da pronúncia do PB (0.045s e 0.096s, respectivamente). No terceiro, a vogal pretônica [a] durou 0.092s no PB e 0.134s no PE.

As demais ocorrências apontam para o fato de que o fenômeno de redução das vogais átonas no PE leva, em casos mais extremos, ao seu desaparecimento. Verificaram-se 14 ocorrências em que houve o desaparecimento de vogais átonas, pretônicas e postônicas, na variante europeia. No vocábulo *Portugal*, por exemplo, as duas vogais átonas foram omitidas, gerando um encontro consonantal não previsto nas descrições da fonologia da língua portuguesa – [prt'gal] –; da mesma forma, em *cruzarmos* e *rezaram*, o desaparecimento das duas vogais átonas em ambos os vocábulos levou às construções [kr'zarmʃ] e [r'zarm], também não previstos. Essas construções foram explicadas em Mateus e D'Andrade (2000) pela teoria do núcleo vazio, já descrito neste trabalho.

A omissão da vogal [ɨ], fenômeno descrito por Mateus e D'Andrade (2000) em vista da variedade do PE de Lisboa, confirmou-se na amostra da variedade do sul português utilizada neste estudo. Foram encontrados três vocábulos em que a vogal [ɨ] foi omitida: *pequena*, *perigo* e *espelhou*. Comparativamente com o PB, a diferença na pronúncia desses vocábulos é que, conforme já descrito aqui, o PE apresenta as possibilidades [i] e [ɨ] em contextos que o PB apresenta [i] e [e] em posição átona. Dessa forma, como era esperado, a

sílaba da vogal omitida foi pronunciada em *pequena* [pi] e [pɨ], em *perigo* [pi] e [pɨ] e em *espelhou* [pe] e [pɨ], no PB e no PE, respectivamente.

Além dos acidentes fonológicos previstos para análise dos resultados, foram observados outros resultados relevantes. No PB, houve omissão da vogal átona em alguns casos, como em partículas do tipo *te*, em que, no exame acústico, foi impossível isolar a vogal [i]. No vocábulo *rezaram*, também não foi possível isolar a vogal átona final na pronúncia brasileira. De qualquer forma, esses exemplos ainda estão longe de alcançar a mesma incidência das reduções que ocorreram no PE. Dentre os vocábulos em que essas reduções levaram ao esvaziamento de todas as posições átonas da palavra, deixando apenas a vogal tônica, acredita-se que dois deles apresentaram um mecanismo de compensação, uma vez que as vogais tônicas foram medidas em tempo significativamente maior que as mesmas no PB: no vocábulo *rezaram*, por exemplo, a vogal tônica teve duração de 0.061s no PB e 0.142s no PE.

Com base nas análises efetuadas, conclui-se que os fenômenos descritos por Mateus e D'Andrade (2000) para a variante do PE de Lisboa foram confirmados na variante do sul. Por outro lado, a comparação desta variante com a do interior paulista do PB, confirma que, em tese, qualquer consoante, no PE, pode ocupar a posição final de uma sílaba, já que as reduções levam ao desaparecimento das vogais átonas e a construções silábicas não previstas pela fonologia do português. Acredita-se, portanto, que, em relação aos sons vocálicos, a distribuição do tempo de produção de uma palavra é mais equilibrada na pronúncia do PB do que na do PE. Esse equilíbrio, ou a falta dele, constrói o ritmo que diferencia essas duas variantes da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. A.; ALBANO, E. C. **Brazilian Portuguese**. Journal of the International Phonetic Association, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos da fonética do português brasileiro**. UNICAMP: Campinas, 1981.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CÂMARA JR., J. M. **Historia e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- FONTE, J. S. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. **The phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University, 2000.
- MATTOS E SILVA, R. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Editora Contexto, 1996.
- NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1989.